

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES



ALBERTO
FREDERICO DE
ALBUQUERQUE
MARANHÃO

O PATRONO DA
CADEIRA 02 DA ACADEMIA
MACAIBENSE DE LETRAS

MACAIBA/RN
2012

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES

**ALBERTO FREDERICO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO
O PATRONO DA CADEIRA 02 DA
ACADEMIA MACAIBENSE DE LETRAS.**

**MACAÍBA/RN.
2012**



ALBERTO FREDERICO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO
O PATRONO DA CADEIRA 02 DA
ACADEMIA MACAIBENSE DE LETRAS.

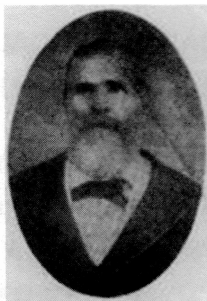


O acadêmico **CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES** é professor da UFRN (aposentado), Membro Honorário Vitalício da OAB/RN, Sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte - IHGRN, Membro da Academia de Letras Jurídicas do RN - ALEJURN, sócio da União Brasileira de Escritores/RN - UBE-RN, sócio do Instituto Norte-Riograndense de Genealogia - INRG, sócio da Federação das Instituições de Cultura do RN- FINSC, sócio da AMINN, membro da Academia Macaibense de Letras – A.M.L.

“O passado não é aquilo que passa, mas o que fica do que passou”. (TRISTÃO DE ATHAYDE).

I - PALAVRAS INICIAIS

Ocupar a cadeira cujo Patrono é **ALBERTO FREDERICO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO** deixa-me lisonjeado, mas profundamente preocupado pela responsabilidade de apresentar um homem incomum, um empreendedor, um administrador consagrado, mas, em especial, quando se trata do **Cavalheiro Mecenás**¹ da educação e da cultura do Estado do Rio Grande do Norte ou, **Protetor das Artes e da Literatura**, ou, ainda, como dizia **LUIZ DA CÂMARA CASCUDO**² – “**O grande Governador supervisor da grandeza**”, no que foi complementado por **ITAMAR DE SOUZA**³, quando afirma: “**ALBERTO MARANHÃO colocou Natal no século XX**”.



4



5

¹ Tarcísio Gurgel, *Belle époque na esquina*, Natal, Ed. do Autor, 2009.

² Luiz da Câmara Cascudo, *História da República do Rio Grande do Norte*, Edições do Val, 1965.

³ Itamar de Souza, *a República Velha no Rio Grande do Norte*, EDUFRN, 2008.

⁴ Amaro Barreto, pai, pai. Foto do acervo do historiador Francisco Anderson Tavares.

⁵ Feliciano Maria, mãe. Foto do acervo do historiador Francisco Anderson Tavares.

II – ORIGEM

Sem querer cair no lugar comum das biografias, ressalto o perfil do homem político, do intelectual, do inovador, do grande artífice da cultura potiguar, a par do registro necessário de ser um macaibense nascido em 2 de outubro de 1872, 13º filho de uma prole de 14, do casal **AMARO BARRETO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO**, da freguesia de Nazaré-Pernambuco, e de **FELICIANA MARIA DA SILVA PEDROSA**, do Brejo de Areias – Paraíba, porém casados em Natal a 9 de dezembro de 1851, sendo seus irmãos: **PEDRO VELHO**, o primogênito, **FABRÍCIO**, **MARIA DA SILVA**, **AMARO BARRETO FILHO**, **IGNEZ AUGUSTA**, **SÉRGIO PANTALEÃO**, **ADELINO AUGUSTO**, **AUGUSTO SEVERO**, **CÂNDIDA**, **JOAQUIM CIPIÃO** - gêmeo com **LUÍS CARLOS**, **AMÉLIA AUGUSTA** e **ÁUREA JUSTA**.

Provém da **OLIGARQUIA⁶ MARANHÃO** que já havia enaltecido, nos primeiros tempos da história potiguar, **JERÔNIMO** e **ANDRÉ DE ALBUQUERQUE MARANHÃO** e que a partir de **PEDRO VELHO** teve a duração de 28 anos, destacando-se outros familiares no campo político, como o seu avô paterno **PEDRO VELHO BARRETO**, seu pai **AMARO**, seus irmãos **FABRÍCIO**, **AUGUSTO SEVERO** - este consagrado

⁶ Oligarquia, etimologicamente tem vários sentidos: “governo de poucos”; “governo de elites”; “governo de ricos”; “governo dos melhores” - Norberto Bobbio, Dicionário de Política, 2006.

internacionalmente pelos feitos realizados em prol da arte de voar e o próprio **ALBERTO**, sem esquecer a herança da matriarca **IZABEL DA CÂMARA DE ALBUQUERQUE** e de seus avós, por parte de mãe, **FABRÍCIO GOMES PEDROSA** e **ANA DA SILVA E VASCONCELOS**.



A tendência republicana dos Maranhão se assentara ainda antes do movimento triunfante, posto que já em 1888 somava-se nestas paragens um bom contingente de republicanos, tendo por **PEDRO VELHO** o seu unificador, cujo partido fundou em reunião realizada no dia 27 de janeiro de 1889, na residência de **JOÃO AVELINO**, localizada na Ribeira, onde hoje existe o antigo prédio do Grande Hotel.

A sessão foi presidida pelo doutor **JOÃO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO**, conhecido como “**João das**

⁷ Fabrício Gomes Pedrosa. Foto do acervo do historiador Francisco Anderson Tavares.

Estivas”, na qual **ALBERTO MARANHÃO** se fez presente, como detalha **TAVARES DE LYRA**⁸.

Para solidificar o movimento, **PEDRO VELHO** criou o jornal **“A República”**, cuja primeira edição circulou em 1º de julho de 1889, que ganhou, por muito tempo, a colaboração de **ALBERTO MARANHÃO**.

Na mesma época, a oposição monarquista criou o **“Diário de Natal”**, que em combate às obras do governo, denunciava **“desvio de verbas”** ou **“ostentação do governo”**, haja vista a sua ação de **“modernização”** da cidade de Natal, sob o argumento de que tais recursos deveriam estar sendo empregados no interior.

A trajetória da família registra fatos importantes como a fundação da cidade de Natal, vitórias em incursões bélicas no Estado do Maranhão, luta de **PEDRO VELHO** pela abolição da escravatura, Proclamação da República na Província, atribuída, também, a **PEDRO VELHO** através do **Boletim da Proclamação** em 15 de novembro de 1889, após o recebimento de telegrama do Rio de Janeiro anunciando o fato histórico, em cujo texto, parte final, proclamava:

“13 de maio e 15 de novembro!

*São na vida nacional os dois pontos de apoio da
nossa futura evolução política, social e
econômica.*

⁸ Augusto Tavares de Lyra, *História do Rio Grande do Norte*, Natal, EDUFRRN, 2008.

*Viva a República! Viva a Pátria Brasileira! Viva o
Povo Norte-Rio-Grandense! Viva o Governo
Provisório!*

Natal, 15 de novembro - Dr. PEDRO VELHO”.

No dia 17 seguinte, por ordem do Ministro do Interior, **PEDRO VELHO** proclama a República na Província e é aclamado Governador (Palácio do Presidente da Província – Rua do Comércio, hoje Rua Chile, 106, no tradicional bairro da Ribeira), sendo lavrada uma ata, assinada por **JOAQUIM SOARES RAPOSO DA CAMARA**, designado para escrever, em seguida **PEDRO VELHO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO**, **LEONCIO ROSA** e **PHILIPPE BEZERRA CAVALCANTI** (seguem-se outras assinaturas)⁹.

A história política do Rio Grande do Norte, no período de 1889 a 1914, teve o predomínio absoluto da **FAMÍLIA MARANHÃO**, quebrada com a ascensão de **FERREIRA CHAVES**, antigo aliado que se fez oposição, mas na campanha de 1927 reaglutinado à facção **MARANHÃO**, quando protestou contra a política de exclusão encetada pelo novo grupo político dominado pelos grandes proprietários e comerciantes do Seridó – foi o tempo dos coronéis.¹⁰

Com a morte de **PEDRO VELHO**, em 1907, **ALBERTO MARANHÃO** passou a liderar o Partido Republicano.

⁹ Rocha Pombo, *História do Estado do Rio Grande do Norte*, Rio de Janeiro, Edição Anuário do Brasil, 1922.

¹⁰ José Antonio Spinelli, *Coronéis e Oligarquias no Rio Grande do Norte, Natal, EDUFRN, 2010.*



11

III – CARREIRA

O despertar de sua cultura aconteceu em Macaíba e, depois, se espalhando em Natal e Recife. Naquela cidade formou-se em direito pela tradicional Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais de Pernambuco¹², no dia 8 de dezembro de 1892, quando apenas completara seus 20 anos de idade.

Segundo **MEIRA PIRES**¹³,

¹¹ Alberto Maranhão ainda jovem. Foto do acervo do historiador Francisco Anderson Tavares.

¹² Raimundo Nonato da Silva, *Bacharéis de Olinda e Recife*, Rio de Janeiro, Edição Pongetti, 1959.

¹³ Meira Pires, Alberto Maranhão e o seu tempo, 1963.

"sua educação esmerada, sua formação moral, sua cultura, seu invulgar espírito (...) um largo pendor diplomático pois sabia solucionar, com finura e habilidade exemplares, as mais difíceis questões".

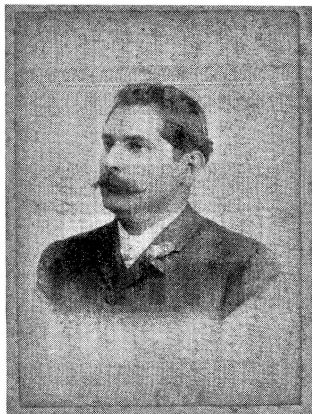
Ao que acrescento o que diz **ANNA MARIA CASCUDO BARRETO**¹⁴ em seu livro '**Coronel Cascudo – O Herói Oculto**':

"... naqueles tempos o cidadão ingressava rico na política e saía pobre. Temos exemplos edificantes: ALBERTO MARANHÃO ...".

No mesmo ano de formatura foi Promotor Público de Macaíba, e no ano seguinte Secretário de Governo na administração do seu irmão **PEDRO VELHO** – período iniciado em 15 de dezembro e que durou até 1898, quando foi nomeado Procurador Geral do Estado, permanecendo até 1899 quando foi eleito em 14 de junho Governador do Estado para o seu primeiro mandato aos 27 anos, idade alterada na Constituição Estadual, em julho do ano anterior (art. 28, item 3º, § 4º), pela iniciativa do seu irmão **PEDRO VELHO** para possibilitar a sua assunção ao cargo, que então era de 35 anos, onde permaneceu entre 1900 a 1904.

A tarefa de **ALBERTO MARANHÃO** era facilitada pela sua própria figura jovem, de belas feições, olhar penetrante e elegância no trajar.

¹⁴ Anna Maria Cascudo Barreto, *Coronel Cascudo – O Herói Oculto*, DUFER, 2010.



15

IV - PRIMEIRA GESTÃO COMO GOVERNADOR

Em sua primeira gestão (1900-1904), Natal entra na “**modernidade**” e são registrados eventos de relevo, tais como aprovação da Lei nº 145, de 6 de agosto de 1900, pela qual

"é o governador autorizado a premiar livros de ciência e literatura produzidos por filhos domiciliados no Rio Grande do Norte, ou naturais de outros Estados quando neste tenham fixa e definitiva a sua residência".

Foi a alavanca para o desenvolvimento cultural do Estado, constituindo-se em fato inédito no País, registrando-se

¹⁵ Alberto Maranhão no primeiro governo. Foto do acervo do historiador Francisco Anderson Tavares.

que a iniciativa partiu de **HENRIQUE CASTRICIANO**, nome com que ficou conhecida essa lei.



Em seu Governo há registro de marcantes iniciativas como incentivador do movimento geral em prol das indústrias agrícolas, criando a Sociedade Agrícola do Rio Grande do Norte; foi um dos precursores do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, criado em 1902 na condição de guardião da memória potiguar, fruto da iniciativa, também, de historiadores, intelectuais e políticos, tendo publicado a sua primeira Revista em 1903 e criou o Derby Clube em 25/3/1900 (para incentivar o hipismo).

¹⁶ O bonde elétrico na Ribeira. Foto do acervo do arquiteto João Maurício de Miranda.



17

Foi durante a sua gestão “que se iniciou, em ritmo mais acelerado, a onda de construções e reformas, que lentamente alteravam as feições da cidade”.¹⁸



19

Promoveu reforma e a conclusão do **Teatro Carlos Gomes** (que hoje detém o seu nome), iniciado em 14.4.1898 pelo Governador **FERREIRA CHAVES**. Para isso contratou o arquiteto **HERCULANO RAMOS**, que lhe deu novo formato, cuja inauguração ocorreu no dia 24 de março de 1904, onde a renda então apurada foi destinada para ajudar aos flagelados,

¹⁷ Trecho do jardim público da praça Augusto Severo. Foto do acervo do arquiteto João Maurício de Miranda.

¹⁸ Márcia Marinho. *Natal também civiliza-se, Natal, EDUFRN, 2011.*

¹⁹ Teatro Carlos Gomes (Alberto Maranhão). Foto do acervo do arquiteto João Maurício de Miranda.

vítimas da seca, que se encontravam em Natal, coincidindo a data com a transmissão do cargo ao novo Governador **AUGUSTO TAVARES DE LYRA** e **JUVENAL LAMARTINE** para o período 1904-1908.

Os detalhes da solenidade e da apresentação têm registros precisos feitos por **CLÁUDIO GALVÃO**²⁰.

O teatro, com outras reformas, foi reinaugurado em 1912.

Seus opositores criticavam a sua inexperiência nesse primeiro período, consoante registra o historiador **ITAMAR DE SOUZA**²¹, relatando opiniões veementes de sua inclinação para “arrumar” a **FAMÍLIA MARANHÃO**, conhecida então como “**Família do Tesouro**”, porquanto entregou a construção do **Teatro Carlos Gomes** a um seu parente, como o fez para dotar Natal de iluminação a gás acetileno e para atender os reclamos dos natalenses e macaibenses para restaurar a estrada que ligava os dois Municípios, só o fazendo para conciliar os interesses do marido de sua sobrinha **DALILA**, que começara a instalar um maquinário para fabricação de óleos.

No mesmo sentido historiadores²² proclamam que ele “**fez um governo medíocre e fútil.**”

²⁰ Cláudio Galvão, *100 anos de arte e cultura*, Natal, Edição FJA, 2005.

²¹ Itamar de Souza, *A República Velha no Rio Grande do Norte*, EDUFRN, 2008.

²² Sérgio Luiz e Geraldo José. *Subsídios para o Estudo da História do Rio Grande do Norte, Natal, Sebo Vermelho, 2005.*

A sua ação, no entanto, não se restringiu apenas à Capital, pois a estendeu ao interior, como mostra, ainda, o historiador **ITAMAR DE SOUZA**²³:

"em São José de Mipibu, ele mandou as águas de uma fonte natural e permanente para o abastecimento d'água daquela cidade. Em Macaíba, sua terra natal, construiu o cais de atracação, melhorando assim o transporte fluvial entre aquela cidade e a capital do Estado. Em Macau, mandou fazer um aterro, numa extensão de quatro quilômetros, ligando esta cidade à estrada do sertão, à margem do rio Assu".

Para facilitar o deslocamento de pessoas e produtos entre o sertão e as áreas portuárias, ele construiu três mil quilômetros de estradas carroçáveis em direção às cidades de Canguaretama e Natal.



24

²³ Itamar de Souza, ob. cit.

²⁴ Foto liberada pela Revista Life na *internet*.

As críticas pelo embelezamento da cidade de Natal, com ajardinamento, calçamentos e outros equipamentos públicos não tinham consistência, pois ele, mercê da seca que atravessou toda a sua fase de administrador, sensibilizou o Governo Federal com a remessa de substancial dotação para que fosse amenizada a situação dos flagelados e, com tais serviços que exigiam menos especialização da mão de obra, foram convocados os flagelados que se avolumavam pelas ruas da capital.²⁵



26

O Governador era um moço bonito, moderno, alegre, gostava realmente das festas e das tertúlias literárias. Sobre ele, em sua maioria, os livros oferecem opiniões favoráveis, seja na expressão efetiva da história contada, como nos romances emergentes da opinião pública, como nos transmite **CARLOS DE SOUZA**²⁷:

²⁵ Denise Mattos Monteiro. *Introdução à história do Rio Grande do Norte, Natal, EDUFRN, 2000.*

²⁶ Foto do acervo do arquiteto João Maurício de Miranda.

²⁷ Carlos de Souza, *Cidade dos Reis, Natal, 2011.*

“... é um homem bom, precavido, pelo menos reformou o mercado velho no primeiro mandato...”.

Terminada a sua primeira administração como Governador, foi eleito Deputado Federal à quinta legislatura (1903 a 1905), substituindo **AUGUSTO TAVARES DE LYRA**, sendo reeleito para a legislatura seguinte (1906 a 1908), trajetória interrompida com a assunção, pela segunda vez, ao Governo do Estado em 1908 até 1º de janeiro de 1914.



V - SEGUNDA GESTÃO COMO GOVERNADOR

O segundo governo de **ALBERTO MARANHÃO** foi mais produtivo, fazendo-se presente a sua experiência aliada ao dinamismo para consagrar a nova era, pelo que foi reconhecido pela população como a melhor administração durante a República Velha, como registram os historiadores, embora tenham ocorrido percalços, criticado quando procurou imortalizar os membros de sua família colocando o nome do seu irmão **PEDRO VELHO** no então município de Vila Flor, a Vila Triunfo como **AUGUSTO SEVERO**, ainda colocando um busto do irmão na "**SQUARE PEDRO VELHO**", nomes de

²⁸ Alberto Maranhão no início do segundo governo. Foto do acervo do historiador Francisco Anderson Tavares.

rua, como homenagem ao seu sogro **JUVINO BARRETO**, nomeando parentes para cargos importantes.

É ainda invocando o historiador **ITAMAR DE SOUZA**²⁹, que registramos a sua crítica:

"Este segundo governo de ALBERTO MARANHÃO teve três características básicas: primeiro, procurou immortalizar os membros da oligarquia apondo seus nomes em municípios, repartições públicas, monumentos e praças; segundo, monopolizou importantes setores da economia estadual, favorecendo, assim, os amigos e correligionários, em detrimento do erário público; e, terceiro, realizou uma grande e inovadora administração com o dinheiro tomado emprestado no estrangeiro".

Contudo, não se pode negar a especial atenção para o ensino, por ele reorganizado, com a criação de doze grupos escolares; instituiu o ensino normal e os cursos profissionalizantes; instituiu o fundo escolar; incentivou a idéia de **HENRIQUE CASTRICIANO** para a criação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte – marco extraordinário iniciado em 23 de julho de 1911³⁰, ainda hoje produzindo bons frutos, através do Complexo Educacional “**NOILDE**

²⁹ Itamar de Souza, ob. cit.

³⁰ Manoel de Medeiros Brito. *Pronunciamento por ocasião das comemorações do 1º Centenário da Liga, em 23.7.2011*

RÂMALHO”, congregando a Escola Doméstica, o Complexo Educacional **HENRIQUE CASTRICIANO** e a Uni-RN (antiga FARN), tendo assinado a ata de sua constituição, em sessão realizada no Natal Club.



Realizou uma profícua administração em segmentos variados, registrando-se ações marcantes como: embelezamento e reurbanização da cidade de Natal, criando a cidade nova, sonho do seu irmão **PEDRO VELHO**; efetuou a pavimentação dos bairros do Tirol e Petrópolis; instituiu serviços de higienização e assistência pública; no serviço de abastecimento de água e esgoto da cidade, reorganização da justiça; retirou a sede do Governo do velho prédio da Rua do Comércio (Rua Chile), o 5º da nossa história e onde **PEDRO VELHO** organizou o Estado, instalando a sede do governo na Praça 7 de setembro, em 1902 – O Palácio do Tesouro ou do Governo (Rua da Conceição), posteriormente Palácio Potengi (Governo **SÍLVIO PEDROZA** em 1954), mudado para Palácio da Esperança (Governo **ALUÍZIO ALVES** em 1960), retornando ao

³¹ Antiga avenida Deodoro. Foto do acervo do arquiteto João Maurício de Miranda.

nome Potengi (Governo **CORTEZ PEREIRA**) e agora Palácio da Cultura.

A mudança representou típica atitude do seu arroubo administrativo, impregnado de brilho que prevalecia num momento romântico da “**Belle Époque**”.

O prédio prendia as atenções gerais pela inovação artística do seu projeto, também presente em outras edificações, com elementos marcantes da “**art nouveau**”, mercê da presença do arquiteto mineiro **HERCULANO RAMOS**, que aqui doou uma década de sua atividade e que foi convocado, inicialmente, para trabalhar na melhoria do Porto de Natal, e com o tempo fez a cidade aprender e conviver com um cenário onde o requinte se fizesse presente através de material de primeira qualidade importada da Fundação Val D’Osne, de Paris, cercando inúmeros prédios públicos e dos equipamentos urbanísticos, como praças, com esculturas trabalhadas com o máximo da arte europeia.

Também, nessa embalagem, reformou e ampliou a “**Vila Cincinato**”, que era a residência oficial do Governador do Estado.

É de sua autoria o ato que desmilitarizou a Fortaleza dos Reis Magos, cujo último comandante foi o General **JOÃO DA FONSECA VARELA**, de Ceará-Mirim.



Também foi o responsável pela fundação do Conservatório de Música; do **Hospital Juvino Barreto** (hoje **Onofre Lopes**), dando-lhe a direção de Januário Cicco; construiu a Casa de Detenção e o Asilo de Mendicidade que depois foi transformado em **Orfanato Padre João Maria**.

Em 1909, pelo Decreto nº 201, de 1º de julho, criou o brasão do Rio Grande do Norte ou Brasão das Armas, com desenho do artista **Corbiniano Vilaça**, substituindo o anterior, ainda do Brasão Holandês (1638) que tinha ao centro a figura de uma “**ema**”.

O brasão novo é o mesmo cravado no centro da nossa bandeira, criada em 1957.

Inaugurou em 1913 o busto de **AUGUSTO SEVERO** em homenagem ao grande feito universal da navegação aérea e em 1914 foi plantado o obelisco do Governo na Avenida Tavares de Lyra.

³² Foto do acervo do arquiteto. João Maurício de Miranda.

Implantou a luz elétrica em Natal no ano de 1911e, posteriormente, os bondes elétricos, substituindo os transportes à tração animal (Ferro Carril, em 07/9/1908), cujos trilhos foram assentados e os bondes comprados na cidade de Belém do Pará, tendo como primeira linha o trecho Rua Dr. Barata (Ribeira) à Praça Padre João Maria (no centro).

Edificou a Escola Normal, em 3 de maio de 1908.

Reconstruiu o **Teatro Carlos Gomes**, que atualmente tem o seu nome, dando-lhe as feições atuais e que foi entregue ao público no dia 19 de julho de 1912.

Alguns autores atribuem o sucesso de sua segunda gestão ao fato de ter ficado livre da tutela do irmão **PEDRO VELHO**.

Para poder concluir todas essas obras, teve que recorrer a empréstimo público, e com isso gerando um grande “**déficit**” em seu governo, o qual só foi regularizado na administração que lhe sucedeu, sendo por isso criticado de forma veemente por seu opositor **JOSÉ DA PENHA**, que apregoava a queda da oligarquia, que se instalou no território norte-rio-grandense (**ALBUQUERQUE MARANHÃO**, embora posteriormente, com o desmonte da base do **MARANHÃO**, por **FERREIRA CHAVES**, auxiliado por **JOSÉ AUGUSTO**, vencedor do próximo pleito, tenha surgido outra oligarquia, agora dos **Bezerra de Medeiros**). Atribuía que essa forma de governar utilizava-se da violência e das fraudes para vencer

eleições e chegou a lançar um candidato da oposição, na pessoa do Tenente **LEÔNIDAS HERMES**, filho do Presidente **HERMES DA FONSECA**.

Eis, na íntegra, a conferência proferida por **JOSÉ DA PENHA**³³ no Pavilhão Internacional do Rio de Janeiro sob o título “**Oligarchia , anarchia, dictadura**”:

“E se maior não é o pasmo que nos alcança, é que muito grande, por via de regra, é o desconhecimento aqui da vida estadual. ALBERTO MARANHÃO, por exemplo, já não encobre suas trapaças administrativas. Tem o desassombro dos temperamentos improbidosos. Trapaceia às escancaras.

Outrora, para comprar, depois de governador, por conta do Estado, a casa em que residia, simulou a venda a um dos seus testas de ferro e só alguns meses depois fechado era o negócio, a seu contento.

(Vantajoso é bem de compreender, para todo o mundo, menos para ele ALBERTO inconcebivelmente honesto nas suas transações, apostolicamente desambicioso em

³³ José da Penha. *Oligarchia, anarchia, dictadura*. Conferência realizada no Pavilhão Internacional – RJ, (Jornal do Ceará, ano VIII, nº 1382, em 07.08.1911).

toda a sua vida, trombeteiam os seus assalariados de imprensa).

Hoje, não. Alforriou-se de vez desses constrangimentos. Negocia às claras: trafica ao meio dia em ponto, alardeia o seu desassombro governamental e gaba-se de não ser tolo...

Isso quanto a negócios bem se compreende.

O ano passado contraiu na Europa um empréstimo de cinco mil contos ao tipo de 69, noticiou o Jornal do Comércio daqui.

Os juros foram os mais exorbitantes do mundo. As gorjetas para os intermediários foram elevadíssimas e o prazo de cinquenta anos. Em suma: o Estado venturoso do Rio Grande do Norte recebeu três mil e tantos contos de réis, vai pagar fatalmente perto de dez mil e sobrecarregou o seu orçamento, que era de mil e duzentos contos, com os pesadíssimos ônus desse empréstimo tão malbaratado.

ALBERTO reemprestou-o quase todo aos seus queridos parentes e com eles então contratou uns tantos melhoramentos duvidosos para o Natal dos Pobres, relativamente, alguns desses felizardos ofereceram como garantia, o seu

parentesco rendoso e a indiferença do povo por esses arranjos ilícitos.

Não contente de tamanhas desenvolturas, ALBERTO comprou a si próprio e aos seus cunhados, por cem vezes mais do que devia, terrenos tão valorizados que até nunca tiveram dono. E impossível ser mais impudente de que esse governador traficante.

O pretexto de escolas agrícolas e outros disfarces com que esse despejado governador enxovalha a sua função e ludibria o povo complacente, foi o que veio a lume.

E esse mesmo povo, talvez porque de tempos remotíssimos o venham flagelando os vendavais das secas dolorosas em que se lhes depauperam as crenças e as energias, ou porque de fato, pelas suas qualidades ingênuas mereça a canga deste opróbrio — esse povo suporta sem indícios palpantes do desagravo, a que tem direito, a ignomínia de tanto despudor, o cativo desmoralizante de usurpadores tão acanalhados.

O palácio, até pouco tempo, era uma como feira política. Em vez das autoridades, dos funcionários, dos amigos, ALBERTO só congregava em torno de seu balcão, os

agentes de compras e os corretores seus associados. Era, como bem lhe chamou alguém, se a profecia não falha, o último representante político da cigana de Nazareth.

Dos Machados, essa outra superfetação que afeia, infecciona e degrada os órgãos essenciais da Republica na Paraíba do Norte, eu não quero tirar o gosto de escapela-los com sua mestria ao dr. Coelho Lisboa.

Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Espírito Santo, Goiás e Piauí, rastejam todos pelo mesmo nível de decadência, maculando-se com a tisma das mesmas imoralidades, atascando-se no lodo profundo das mesmas corrupções.

As diferenças locais não invalidam esta sentença, nem prevalecem para atenuar-lhe o merecido rigor. Os exames em Maceió, não envergonhariam os de Natal, por exemplo.

Por toda parte a mesma desfaçatez na desonestidade impunida, a mesma artificialidade na política exploradora, a mesma prevaricação na magistratura das oligarquias. O mesmo desbragamento no ataque aos opositoristas inermes, os mesmos congressos de nulos e de servis e para tributar o povo, sem direitos, sem liberdades, céptico

e de esperanças amortalhadas, se o honrado concidadão que hoje governa a Republica, imitasse — o que não ha de suceder — os seus antecessores estigmatizados, carcomidos pela execração.

Porque o sr. Bulhões, ou porque os seus companheiros quase todos sem a consciência do que deva ser política republicana, estômagos incontentáveis, monarquistas descrentes, uns discípulos de Verres, outros de Barras, — a obra prima da corrupção, como lhe chamou Bonaparte, hão de perenizar-se nos galarins de um poder, que não é somente ilegítimo, senão também nefasto ao princípio da ordem e as necessidades do progresso?

As oligarquias devem morrer. E hão de morrer, meus concidadãos. Não falta muito. Conservá-las, seria o mais inepto, sobre ser o mais perigoso do todos os nossos crimes.

E ao que se vê, nem será possível a ninguém, por mais que envide todas as suas forças, ampará-las muitos anos, ou perpetuá-las na história...

Não se pereniza nas sociedades senão o que é natural e se ajusta aos interesses comuns, seja como tendência, ou seja como produto

do espírito da coletividade em progresso, em busca do seu bem estar, guiando para a verdade e a justiça.

Não há, nem houve jamais razão para desesperar-nos das forças limitativas do tempo, nem das energias recuperadas da Federação Brasileira, mutilada, agora nos seus direitos, cerceada na sua influência. onerada nas suas dívidas, abalada nos seus destinos, apoucada na sua reputação enquanto frondescer a árvore maldita, que agasalha a descendência dos falsificadores da Constituição de 24 Fevereiro.

Para desarraigá-lo do solo constitucionalizando a Republica, abatida intercadentemente, como todas as suas irmãs da América do Sul, por delírios de indisciplina e alucinação de revoltas, há de surgir, na ocasião mais propícia, um milagroso poder, seja qual for. E esse poder que todos pressentimos sem desalentos que nos desviem ou sofreguidões, que nos decepcionem, ou há de ser a força centrípeta do Catete, a honestidade perseverante do Chefe do Executivo ou o braço vingador e irresistível da própria multidão. E que sempre esta foi capaz de resgatar pelo heroísmo, os erros da

pusilanimidade, os excessos da sua condescendência, verdade é que ninguém ignora.

Das oligarquias para a anarquia não levamos nós dilatados séculos de ânsias, de dúvidas, nem de aviltamentos; ao contrário, já estamos na segunda; esperamos pouco para vencer o caminho.”.

A propósito dessa figura lendária, assim o retrata **FRANCISCO ANDERSON TAVARES** no artigo **“O CAPITÃO JOSÉ DA PENHA”**³⁴, quando narra:

“O capitão José da Penha

Durante a República Velha, o Rio Grande do Norte foi governado pela oligarquia Albuquerque Maranhão. Em 1913, estourou em todo país, uma campanha denominada de “Salvação Nacional”, movimento que pretendia acabar com todas as oligarquias estaduais e eliminar o poderio dos coronéis do interior, sustentáculos do sistema dominante. Nesse contexto, surge a figura do Capitão José da Penha Alves de Souza conduzindo a cruzada oposicionista. Logo que chegou a Natal, José da Penha cumpriu a promessa de visitar Macaíba, onde morava seu

³⁴ Artigo divulgado no blog de História e Genealogia de Francisco Anderson Tavares, em 2011 (WWW.andersontavaresrn.blogspot.com).

sobrinho Vicente Paulo de Souza e terra natal dos chefes oligarcas ALBERTO MARANHÃO, Fabrício Gomes Maranhão, Augusto Severo e Augusto Tavares de Lyra. Macaíba era então considerada um verdadeiro feudo destas famílias.

Pontificavam como representantes locais do situacionismo; o coronel Manoel Maurício Freire, o major Antônio Delmiro Carneiro de Mesquita e o capitão Antônio Tavares, este último, irmão mais velho de Tavares de Lyra e o único que residia na cidade. Eram agentes oposicionistas; o major Antônio de Andrade Lima, o coronel Prudente Alecrim e o comerciante Alfrêdo Adolfo de Mesquita.

Segundo o jornal "Diário do Natal", pertencente a Elias Souto, cerca de seis mil pessoas acorreram ao cais de desembarque para ver e ouvir o intrépido "salvador". No dia anterior, surgiu um boato que iria haver tiroteio na chegada do líder oposicionista. Aconteceu o contrário exposto. Houve muita festa e passeatas acompanhadas pela banda de música do major Andrade, executando a marcha "vassourinha", jingle da campanha!!

Falando ao povo na praça "comendador Umbelino", José da Penha disse que Macaíba tinha sobrada razão para empregar, nesta luta,

todas as suas energias, porque "foi precisamente aqui que manifestou-se mais violenta a situação oligárquica, arrancando, como abutre, o dinheiro do cidadão, pela extorsão e pelo abuso da força".

ALBERTO MARANHÃO, governador neste período, desembarcou em Macaíba discretamente na mesma hora em que se iniciava o comício. E, na casa do major Antônio Delmiro, ouviu atentamente o discurso do líder oposicionista. Os governistas então improvisaram uma concentração e pediram a ALBERTO MARANHÃO que dirigisse uma palavra aos presentes. Com elegância de prumo, referindo-se ao capitão José da Penha, chamou-o de "ilustre patricio, militar correto e disciplinado, político ardoroso e espírito culto". Estavam desfeitos todos os desaforos pronunciados pelo capitão.

No dia seguinte, o comerciante Alfredo Adolfo de Mesquita, ofereceu um banquete no casarão da rua da Cruz, onde José da Penha ressaltou o seu compromisso com a liberdade e com sua causa.

Neste oceano de dominação oligárquica, as figuras oposicionistas do major Andrade, de Prudente Alecrim e Alfredo Adolfo de Mesquita, apesar de não terem logrado êxito na realização de seu projeto, contribuíram para mudar o rumo

da história política estadual com a perseverança de seus atos. O eco de seus gritos de liberdade e a coragem demonstrada naquela recepção ao capitão José da Penha, falaram mais alto do que o bronze autoritário dos que sufocaram a liberdade.

Por fim, recolheu-se uma página de civismo de José da Penha e, ao mesmo tempo, de educação política do governador ALBERTO MARANHÃO.”

Essa opinião não coincidia, até então, com o que pensava a população, que continuou a aplaudi-lo e consagrá-lo em sucessivas eleições.

Contudo, a campanha, muito bem orquestrada, trouxe uma reviravolta no tabuleiro político, como narra o escritor **CARLOS DE SOUZA**, antes citado, em sua obra **Cidade dos Reis**:

“O capitão José da Penha falava abertamente dos gastos do governo, no pendor para favorecer a família, a oligarquia dos Albuquerque Maranhão. O povo ouviu atento e na eleição seguinte elegeu um antigo aliado dos Maranhão, mas que agora se transformara no mais feroz opositor: Ferreira Chaves, que já havia sido anteriormente o primeiro governador eleito pelo povo.” P. 64.

VI - ENCERRAMENTO DA CARREIRA POLÍTICA

Concluída a sua segunda gestão, em 1914 volta ao Parlamento Federal em sucessivas legislaturas (9ª à 13ª), encerradas em 1929, oportunidade em que fez parte da Comissão de Diplomacia. Abandonou a vida política, desgostoso com injustiças contra ele praticadas em decorrência do movimento político de 1930, saindo do Rio Grande do Norte para morar com a família em Parati, Rio de Janeiro, sendo designado Delegado Comercial do Rio Grande do Norte no Rio de Janeiro de janeiro a outubro de 1930.

Naquele Estado, tornou-se industrial e fazendeiro em Parati, ali residindo até a morte e onde foi sepultado no dia 02 de fevereiro de 1944, embora falecido em Angra dos Reis no dia anterior, com a idade de 71 anos.

Os seus restos mortais foram trasladados pelo governo do Estado do Rio Grande do Norte, em 2005, daquela cidade para o **TEATRO ALBERTO MARANHÃO**, em Natal.

Foi, enfim, o grande semeador da cultura no Estado, incrementando a educação e lhe imprimindo extrema riqueza e respeitabilidade.

VII - REGISTROS CULTURAIS

Sua iniciação cultural se deu na redação do jornal **“A República”**, onde teve a oportunidade de conviver com vibrantes intelectuais, com os quais compartilhou a fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, notadamente, poetas e prosadores, em particular **HENRIQUE CASTRICIANO**, seu conterrâneo, com quem promoveu a criação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte.

Participou da edição das Revistas **“Oasis”**³⁵, que teve republicação promovida pelo editor **ABIMAEL SILVA – “Sebo Vermelho”**, juntamente com outras marcantes obras daquela época.

Além dos seus livros publicados: em 1918 – **“Na Câmara e na Imprensa”** e **“Quatro discursos Históricos”**, na imprensa do Rio de Janeiro, atuou como articulista em inúmeras revistas, em algumas utilizando o pseudônimo **“Zeferino Arruda”**.

Participou do **“Congresso Literário”**, que mantinha o jornal **“A Tribuna”** e, contando com companheiros, fundou o **“Grêmio Polymathico”**, tendo dirigido o jornal **“A República”**, onde teve o ensejo de reafirmar o seu invencível valor de

³⁵ Revista Oasis, 1904, vol. III, Sebo Vermelho, 2010.

jornalista e homem de letras. Um dos seus belos editoriais foi sobre o “Horto”, de Auta de Souza.

VII – DEPOIMENTOS

Sobre ele colhemos os seguintes pronunciamentos: de **WALDEMAR DE ALMEIDA**, em artigo onde destaca a atividade de **ALBERTO MARANHÃO**, registrando os saraus musicais que realizava e participava no Club Carlos Gomes, entre 1892 a 1914.

Realizou serenatas famosas, tendo criado uma verdadeira dinastia de seresteiros.

Comprou dois pianos de cauda para o Palácio do Governo e proporcionou a passagem por Natal de grandes companhias de Óperas e Operetas.

Os seus biógrafos assinalam que ele criou em Natal um extraordinário Quinteto em 1908, considerado ímpar no Brasil.

A própria Banda de Música da Polícia Militar especializou-se em óperas, ensejando a criação da Orquestra do **Theatro Carlos Gomes**, sob a direção de **JOSÉ BORRÁGIO** e **LUIZ MARIA SMIDO**.

Dizem, também, que foi o 2º recordista em apadrinhamento de crianças, só perdendo para o coronel **FRANCISCO CASCUDO**, que era imbatível e de quem era amigo íntimo.

O mundo intelectual nunca negou a sua importância, como dá conta o artigo “**pic-nic**” (Revista A Tribuna³⁶, edição de 21/4/1904, de autoria de A.A.):

“O Congresso Litterario contrahira para com o illustre consocio que, no posto de primeiro magistrado do Rio Grande do Norte, soube, não esquecendo nenhuma das minudencias do complicado problema administrativo, levantar com a protecção official as lettras indigenas, uma divida de gratidão e apreço. E o ‘convescotte’ do ‘Congresso’ foi, ainda mais, uma festa de caridade. Como deve sentir-se bem a alma boa de ALBERTO MARANHÃO.!”

Ainda em outra publicação – Revista ‘Oasis’ – vol. III, de março/1904, o editorial foi dedicado ao término do período governamental **‘do distinto rio-grandense dr. ALBERTO MARANHÃO.’**, oportunidade em que, expressando o pensamento dos

‘moços d’Oasis veem testemunhar ao dr. ALBERTO MARANHÃO o sentimento sincero de funda sympathia e reconhecimento que os liga a esse eminente confrade, que na sua administração deixou um traço inolvidável da excellente cultura, seu espirito, auxiliando de modo directo e efficaz a evolução de nossas lettras.”

³⁶ Revista “A Tribuna, 1903/1904, vol. III, Sebo Vermelho, 2011.

IX - REGISTROS FAMILIARES

Casou-se em 1895 com a sobrinha **IGNEZ BARRETO**, filha de **JUVINO BARRETO** e de sua irmã **IGNEZ MARANHÃO**. Do casal nasceram seis filhos: **PAULO, LAURA, JUDITE, JUVINO, CLEANTO** e **CAIO**.

Em Macaíba, segundo o historiador **FRANCISCO ANDERSON TAVARES**, no final da década de 1980, foi dado o nome de "**ALBERTO MARANHÃO**" a um conjunto habitacional localizado nas proximidades do bairro Campo das Mangueiras.



37



38

X - OCASO DA VIDA

A propósito, em eventuais vindas ao seu Estado de origem, protagonizou um episódio magistralmente registrado pelo imortal **SANDERSON NEGREIROS**, no Prefácio do Livro **“Belle Époque na esquina”**, do escritor **TARCÍSIO GURGEL**, que aqui reproduzimos em trechos especiais:

*“Alvamar³⁹ passeava, na tarde libérrima da
Ribeira, quando passou em frente a uma*

³⁷ Alberto Maranhão já no ocaso da vida. Foto do acervo do historiador Francisco Anderson Tavares.

³⁸ Reprodução de “A Gazeta Ilustrada”, noticiando a morte de Alberto Maranhão. Do acervo do historiador Francisco Anderson Tavares.

³⁸ Alvamar Furtado de Mendonça, magistrado, professor e escritor potiguar, uma das grandes lideranças do Estado desde os tempos de estudante do Atheneu.

sorveteria da pequena avenida Duque de Caxias, e notou, sentado a uma mesa, solitário e cheio de curiosidade que a solidão às vezes se permite, um senhor – certamente não natalense – mas trazendo no olhar a paixão de estar só, de não conhecer mais ninguém, senão a de observar na tarde da Ribeira a certeza de que seu tempo áureo havia sucumbido; que o declínio havia permitido que a cidade continuasse no itinerário do seu chão, ainda recoberto de pobreza e falta de traços urbanos novos, e que todo o ciclo de vida para ele havia completado seu destino de estar só e desconhecido.

Este Senhor, de cabelos ralos e um bigode sem a envergadura daqueles tratados com a arte de outrora; com a roupa sem o traço de que já fora o dono de jaquetões condoreiros – enfim, um senhor, ainda bem posto mas segurando a palma da elegância – servia-se de taça de sorvete com a postura de quem fora escolhido pelo destino e, hoje, voltava a face para a solidão consuetudinária de um plebeu. Contudo, a classe seria a mesma descrita por seus contemporâneos.”

Era **ALBERTO MARANHÃO** que revisitava Natal para absorver os ares que encheram seus pulmões na juventude, nas ruas e avenidas por ele abertas, no revigoramento da

cidade em seu tempo e por sua ação, numa divagação temporal de tempos idos.

Convidado pelo Emérito Professor e Escritor potiguar para um passeio pela cidade, que já o elegera como herói e agora sem resquício de qualquer poder, aceitou e fez questão de ir ao casarão que à época albergava “**A República**”. Ali, apontou para a torre que se descortinava na cúpula do Colégio Salesiano, exclamando, com lágrimas nos olhos:

“Daqui, eu olhava para Ignês. Daquela janela ela me entregava seu olhar, com um sorriso que nunca se apagou. Assim começamos nosso namoro na distância para que ele durasse 60 anos.”

E por outros recantos repassou a sua vida, Petrópolis, o mar, a balaustrada que mandou trazer de Paris. Diz **ALVAMAR** que

“doeu o silêncio do outono daquele patriarca e só teve uma saída, diante do silêncio de ALBERTO MARANHÃO – recitou como o companheiro mais moço que entendia e aceitava a cena duradoura: “O la mer, o la mer, toujours recommencé!”.

Com a visão das dunas, retorna ao centro da cidade, dele despedindo-se e nunca mais o viu, sequer quando para aqui retornaram os seus restos mortais, pois em 2005 também *já havia alçado voo para a eternidade.*

Este é o retrato, em pequeno formato, do Mecenas
Potiguar **ALBERTO FREDERICO DE ALBUQUERQUE
MARANHÃO.**



ALBERTO FREDERICO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO é o Patrono da Cadeira 02 da Academia Macaibense de Letras. Nasceu em Macaíba no dia 2 de outubro de 1872, 13º filho de uma prole de 14, do casal Amaro Barreto de Albuquerque Maranhão, da freguesia de Nazaré - Pernambuco e de D. Feliciano Maria da Silva Pedrosa, do Brejo de Areias - Paraíba.

Provém da Oligarquia Maranhão que ofereceu ao Estado homens como Jerônimo, André de Albuquerque, seu avô paterno Pedro Velho Barreto, seu pai Amaro, seus irmãos Pedro Velho, Fabrício, Augusto Severo - este consagrado internacionalmente pelos feitos realizados em prol da arte de voar e o próprio Alberto, sem esquecer a herança da matriarca Izabel da Câmara de Albuquerque e seus avós, por parte de mãe, Fabrício Gomes Pedrosa e D. Ana da Silva e Vasconcelos.

Formou-se em Direito pela tradicional Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais de Pernambuco, no dia 8 de dezembro de 1892, quando apenas completara seus 20 anos de idade. Foi Promotor Público de Macaíba, e no ano seguinte Secretário de Governo na administração do seu irmão Pedro Velho - período de 15 de dezembro e durou até 1898. Procurador Geral do Estado até 1899. Eleito em 14 de junho de 1900 Governador do Estado - mandato de 1900 a 1904. Natal entra na modernidade. Foi governador, pela segunda vez, para o período de 1908 a 1914. Entre os mandatos e após o segundo, foi Deputado Federal pelo Rio Grande do Norte.

Ao deixar a carreira política tornou-se industrial e fazendeiro em Parati, Rio de Janeiro, ali residindo até a morte e onde foi sepultado no dia 02 de fevereiro de 1944, embora falecido em Angra dos Reis no dia anterior, com a idade de 71 anos. Os seus restos mortais foram trasladados pelo governo do Estado do Rio Grande do Norte, em 2005, daquela cidade para o Teatro "Alberto Maranhão," em Natal.